

CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS DO ADVÉRBIO *SEMPRE* POR MEIO DE TESTES DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

MORPHOSYNTACTIC CHARACTERISTICS OF THE ADVERB SEMPRE THROUGH ACCEPTABILITY JUDGMENT TESTS

Joelma Sobral da Silva¹

Rafael Dias Minussi²

João Paulo Lazzarini Cyrino³

RESUMO

Este artigo investiga características morfosintáticas e de processamento do advérbio *sempre* em sentenças do português brasileiro. Para tanto, tomaremos como base a Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995 em diante) e, dentro dela, o modelo da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2002). Discutimos questões relativas (i) ao posicionamento sintático e restrições sintáticas do advérbio *sempre*; (ii) aos dados de processamento linguístico desse advérbio por meio de três experimentos com base na metodologia da psicolinguística experimental e (iii) ao estatuto categorial de *sempre* à luz do modelo teórico da MD. Exploramos os impactos da posição do advérbio na estrutura sintática; da comparação entre o tempo verbal presente e pretérito perfeito do indicativo e da especificidade do objeto. Dentro desse contexto, nossa análise propôs que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único Item de Vocabulário, que realiza o núcleo adverbial (adv). Essa raiz possui traços modificadores [+aspectual], [+contínuo], os quais, quando associados à presença de diferentes núcleos funcionais (AspP, FocP, CP, TP), vão interferir na interpretação da sentença. Isso explica os três valores de *sempre* no PB: (i) temporal em sentenças mais específicas; (ii) aspectual em sentenças no tempo Presente e (iii) confirmação em sentenças no tempo Pretérito Perfeito. Outra propriedade observada nos testes foi uma mudança de intensidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “quase” e “nem”. A partir deste estudo, pretendemos lançar luz sobre a relação entre estudos teóricos dentro do quadro da Teoria Gerativa analisados em conjunto com dados de processamento linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbio *sempre*. Processamento de advérbios. Morfologia Distribuída. Teste de aceitabilidade. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

This article investigates morphosyntactic and processing characteristics of the adverb “sempre” (always) in sentences of Brazilian Portuguese. To do so, we will take as a basis the Generative Theory (CHOMSKY, 1995 onwards) and, within it, the model of Distributed Morphology (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2002). We discuss issues related to (i) the syntactic positioning and syntactic constraints of the adverb “sempre” among languages; (ii) linguistic processing data of this adverb through three experiments using experimental psycholinguistics methodology, and (iii) the categorial status of “sempre” in light of the MD theoretical model. We explore the impacts of the adverb’s position in syntactic structure, a comparison between the present and past perfect indicative tenses, and the specificity of the object. Within this context, our analysis proposes that the root $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponds to a single Vocabulary Item, which functions as the

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sobral.joelma@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-0737-418X>.

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), rafael.minussi@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-4103-8796>.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), jpcyrino@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3462-7114>.

adverbial head (adv). This root has modifier features [+aspectual] and [+continuous], which, when associated with different functional heads (AspP, FocP, CP, TP), will affect sentence interpretation. This explains the three values of “sempre” in Brazilian Portuguese: (i) temporal in more specific sentences, (ii) aspectual in present tense sentences, and (iii) confirmatory in past perfect tense sentences. Another observed property in the tests was a change in the intensity of the adverb “sempre” when related to the adverbs “quase” (almost) and “nem” (neither). Through this study, we aim to shed light on the relationship between theoretical studies within the framework of Generative Theory, analyzed in conjunction with linguistic processing data.

KEYWORDS: Adverb “sempre” (always). Adverb processing. Distributed Morphology. Acceptability test. Generative Theory.

Introdução

O objetivo deste estudo é investigar as características morfossintáticas e o processamento do advérbio *sempre* com base em sua posição sintática e em sua relação com outros elementos em sentenças do português brasileiro (PB), relacionando estudos teóricos gerativistas a estudos de processamento linguístico da sintaxe adverbial.

Uma das principais motivações deste trabalho tem relação com a natureza categorial do advérbio *sempre*, uma vez que, de modo geral, a literatura sobre essa classe gramatical aproxima os advérbios dos adjetivos. Além disso, há poucos estudos que analisam a classe dos advérbios do PB, em especial o advérbio *sempre* dentro do quadro teórico gerativista, e que discutem a distribuição sintática desse advérbio. Dessa forma, a fim de realizar essa tarefa, adotamos o modelo da Morfologia Distribuída (MD), que possibilita unir estrutura morfológica e estrutura sintática, permitindo descrever, de modo mais eficaz, a morfossintaxe de *sempre*.

Assim sendo, para desenvolver este trabalho, nosso estudo tomou como base o arcabouço da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes) por meio do modelo da MD (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997). Tomamos como exemplar de língua particular o PB e contrastamos as propriedades morfossintáticas de seus dados com propriedades atestadas em estudos teóricos em outras línguas, porém, neste artigo, fizemos um recorte por questão de espaço e apresentamos uma comparação entre o PB e o português europeu (PE).

O advérbio (doravante Adv) *sempre* é considerado pela gramática contemporânea (ILARI, 2002, 2014; KATO; NASCIMENTO, 2009) um Adv temporal e aspectual. Ele acrescenta um valor de continuidade e quantificação às sentenças e aparece poucas vezes indicando a noção clássica de eternidade (referência com base na simultaneidade de passado, presente e futuro), ou seja, em algumas ocorrências, *sempre* não se relaciona ao sentido de tempo, mas o sentido de *sempre* revela-se sinônimo de “toda vez” e “inscreve-se numa série de advérbios e locuções que quantificam de maneira mais ou menos exata sobre um conjunto de ocasiões”. (ILARI, 2014, p. 302). O Adv *sempre* faz parte de um grupo de Adv do PB que não são formados pelo sufixo -mente. Com base na literatura especializada, observamos que ele possui interpretações variadas dependendo da sua posição sintática e do tempo verbal da sentença em que está relacionado, uma complexidade apresentada na interface sintaxe-morfologia e sintaxe-semântica não só no PB, motivo pelo qual um estudo específico com esse Adv, unindo a Teoria Gerativa e o processamento linguístico, nos pareceu promissor.

A partir dos dados discutidos pela literatura especializada, surgiram as hipóteses manipuladas por meio de três experimentos *off-line* de julgamento de aceitabilidade, que foram aplicados para testar a intuição dos falantes de PB e discutir, posteriormente e com mais exatidão, os contextos sintáticos (tipos de constituintes e orações) e semânticos (escopo) mais aceitáveis, uma vez que há variação na intuição sobre a gramaticalidade de algumas sentenças com *sempre*.

Entre os principais estudos sobre os Advs, destacamos Alexiadou (1997), que examina a categoria de Advs aspectuais e temporais e estabelece que esses tipos de Advs são licenciados como especificadores de Aspecto [Spec, AspP] e de Tempo [Spec, TP]. Os Advs aspectuais não podem aparecer na posição final e quando aparecem na posição inicial são focalizados e ocupam a posição [Spec, FocP], pois nesse caso estão acentuados prosodicamente.

Com base nos dados do PB, pudemos observar que o Adv *sempre* pode aparecer na posição final e inicial no PB, como nos exemplos (1), (2), (5) e (10) a seguir. Assim sendo, uma comparação entre as previsões que Alexiadou (1997) faz e os dados do PB foi necessária. No que diz respeito às restrições sintáticas do Adv *sempre* na estrutura sentencial do PB, os exemplos a seguir atestam, além da aparente liberdade de *sempre* em sentenças do PB, algumas restrições⁴:

- (1) *Sempre* que a aluna chega tarde o professor fica irritado.
- (2) Eles foram alegres para *sempre*.
- (3) Nem *sempre* a aluna viaja nas férias.
- (4) *Não *sempre* a aluna viaja nas férias.
- (5) A aluna não viaja nas férias *sempre*.
- (6) Ela estuda quase *sempre* de madrugada.
- (7) *O professor já *sempre* respondeu as mensagens.
- (8) O professor está *sempre* ocupado.
- (9) O instrutor *sempre* ajudou a atleta.
- (10) *Sempre* te disse a verdade.

Nos exemplos de (1) a (10), podemos observar que *sempre* possui uma mobilidade “aparentemente” livre em sentenças do PB. Entretanto, algumas restrições podem ser percebidas na relação com alguns elementos como em (4) e (7), por exemplo, “não *sempre*” e “já *sempre*”.

⁴ Os exemplos são de nossa autoria, e seguem nossa intuição de falantes nativos da língua.

Ainda com base nos exemplos, é possível perceber que, dependendo da posição ocupada pelo Adv, ele ora apresenta característica temporal como em (8), cuja interpretação seria a de que o professor está ocupado em todos os momentos, e ora características de iteratividade como no complexo “nem sempre” em (3), cuja interpretação seria a de que a aluna viaja de forma eventual. Por sua vez, em (2) apresenta a descrição de um sentimento de alegria constante ou eterna, em (6), com complexo “quase sempre”, o sentido seria o de que ela geralmente estuda de madrugada, não é sempre, de modo que ela pode estudar à tarde, ou à noite; já, em (9), há uma confirmação da ajuda do instrutor à atleta, sugerida pela combinação do valor temporal da sentença e a presença do advérbio *sempre* em posição pré-verbal.

A partir desses dados, surgem alguns questionamentos: (i) o que está causando a agramaticalidade nos contextos em (4) e (7)? (ii) com base no estatuto categorial e nos tipos de interpretação, qual é a natureza categorial desse advérbio?

Para responder essas questões, fizemos um mapeamento de alguns estudos sobre o advérbio *sempre* em diferentes línguas, utilizamos nossas hipóteses para desenvolver as variáveis do nosso *design* experimental e aplicamos três experimentos de julgamento de aceitabilidade em falantes nativos do PB via *web*. Eles serão detalhados na seção três deste artigo.

Assim sendo, este artigo segue estruturado da seguinte forma: (i) faremos uma síntese dos pressupostos teóricos utilizados em nossa análise; (ii) descrevemos alguns estudos que trataram do advérbio *sempre* no Português Europeu (PE), contrastando tais estudos com as nossas intuições de falantes nativos do Português Brasileiro (PB); (iii) discutimos os resultados dos testes de julgamento de aceitabilidade aplicados via *web* em falantes nativos do PB; (iv) apresentamos nossa proposta de análise do advérbio *sempre* no PB à luz da MD. Por fim, são expostas as considerações finais e as referências bibliográficas.

Na próxima seção, apresentamos os nossos pressupostos teóricos.

1. A Morfologia Distribuída e a Psicolinguística Experimental

Dentro do quadro teórico da Teoria Gerativa, a Faculdade da Linguagem (FL) é um componente mental, localizado na mente/cérebro dos seres humanos, que guia a aquisição de linguagem e nela já estão contidos os princípios universais a todas as línguas naturais, pois, todo ser humano possui um conhecimento inato para adquirir língua. O gerativismo postula que, uma vez dotados de uma capacidade inata, somos dotados de uma Gramática Universal (GU) que é o estágio zero da aquisição da linguagem. Assim sendo, os seres humanos possuem uma competência linguística adquirida ainda na infância e, ao longo do processo de aquisição, cada indivíduo forma sua gramática particular.

Os estudos empreendidos dentro da linha de pesquisa gerativista são impulsionados pela preocupação de explicar os princípios gerais que constituem a GU e a forma pela qual a Teoria Gerativa busca explicar a universalidade da sintaxe das línguas naturais, bem como a variação translinguística.

A MD propõe uma arquitetura da gramática na qual a sintaxe forma e organiza palavras. O léxico gerativo, como lugar de armazenamento dos itens lexicais, é substituído por listas distribuídas ao longo da derivação. A Lista 1 (ou lista de elementos primitivos) fornece as raízes atômicas acategoriais e sem fonologia⁵ e os morfemas abstratos, feixes de traços, para o sistema computacional. A Lista 2 (ou Vocabulário) fornece as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos, raízes e morfemas abstratos. Por meio de regras, chamadas Itens de Vocabulário, o material fonológico é inserido nos nós terminais sintáticos abstratos. A Lista 3 (ou Enciclopédia), por sua vez, contém os significados especiais das raízes em contextos sintáticos específicos, dentro de domínios locais (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997).

Nesse modelo teórico, a sintaxe assume um papel ainda mais importante, visto que essa é a única geradora de elementos linguísticos. A MD possui três propriedades centrais que a diferenciam de outros modelos morfológicos. Inserção Tardia, que diz que o conteúdo fonológico é inserido tardiamente. De acordo com essa propriedade, os nós terminais sintáticos ainda não possuem conteúdo fonológico, sendo assim, a sintaxe trabalha apenas com elementos abstratos. Apenas depois da sintaxe, eles recebem o conteúdo fonológico. Outra propriedade é a subespecificação, que atua juntamente com o Princípio do Subconjunto, que diz que as expressões fonológicas não precisam estar plenamente especificadas para serem inseridas em nós terminais da derivação sintática, apenas os morfemas, nos nós terminais sintáticos, são completamente especificados. Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação é a terceira propriedade da MD. Tal propriedade implica que elementos dentro da sintaxe e dentro da morfologia respeitam os mesmos tipos de estruturas de constituintes (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993;1994; MARANTZ, 1997).

Como vimos até aqui, a MD integra a morfologia como parte da sintaxe e propõe um modelo no qual os processos de formação de palavras são sintáticos. Segundo esse pressuposto, na investigação sobre o estatuto categorial do Adv *sempre*, por meio do que estabelece a MD, sugerimos uma análise em que a raiz de *sempre* entra na derivação sintática livre de traços categoriais, pois a categorização da raiz vai depender da sua posição e da relação de concatenação com núcleos categorizadores estabelecida na sintaxe. Desse modo, a concatenação da raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ a um núcleo categorizador *adv* explicaria a formação desse advérbio. Já a concatenação desse advérbio em diferentes posições sintáticas e com diferentes tempos verbais na sentença explica a diversidade de valores apresentados por esse Adv *sempre*.

Em nossa análise, levantamos algumas hipóteses sobre as diferentes interpretações do advérbio *sempre* e aplicamos três testes de julgamento *off-line* de aceitabilidade⁶ seguindo a metodologia da psicolinguística experimental proposta por Kenedy (2015).

⁵ Para uma discussão a respeito das propriedades das raízes, veja Bassani e Minussi (2015) e Bassani e Minussi (2020).

⁶ Segundo Kenedy (2015, p. 5), “As técnicas experimentais *off-line* mais utilizadas em Psicolinguística são julgamento de aceitabilidade (*juízo de gramaticalidade*), produção induzida de fala ou escrita, reconhecimento de palavras e respostas a perguntas interpretativas”.

Segundo Kenedy (2015), ao longo dos últimos anos, muitos estudiosos vêm considerando a Psicolinguística uma grande aliada para reunir evidência empírica em favor de descrições de diversos fenômenos linguísticos. Para entender como é possível usar a experimentação em linguística, o autor detalha uma metodologia por meio de estímulos linguísticos, que apontam quando uma sentença é natural e quando uma sentença causa estranhamento em sua língua nativa. Para o autor, tais experimentos, articulados a aparatos teóricos, possibilitam ao pesquisador analisar estatisticamente o comportamento de grupos de pessoas, além de testar previsões e investigar fenômenos gramaticais estudados por meio da realidade psicológica da gramática de uma língua natural.

Kenedy (2015) menciona também que a linha de investigação mais proeminente na exploração Psicolinguística de questões descritivas relevantes para a linguística teórica é, certamente, a Sintaxe Experimental, pois, segundo o autor, os julgamentos de aceitabilidade utilizados informalmente entre gerativistas podem ser transformados numa ferramenta metodológica séria ao incorporar os rigores das ciências experimentais.

Na próxima seção, apresentaremos uma breve explanação teórica de alguns estudos sobre o advérbio *sempre* em uma comparação entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE).

2. O mapeamento de estudos cartográficos e sintático-semânticos sobre o advérbio *sempre* em uma comparação entre PB e PE

Dentro do quadro teórico da Teoria Gerativa, os Adv são analisados em duas perspectivas diferentes. A primeira perspectiva analisa os Adv como adjuntos (CHOMSKY, 1986; ERNST, 2002 entre outros), a segunda entende os Adv como especificadores de projeções funcionais e fornece uma explicação puramente sintática, sendo desta forma mais rígida. (CINQUE, 1999; ALEXIADOU, 1997, 2002 entre outros). Nessa perspectiva, os Adv são especificadores de projeções funcionais.

De forma inicial, é importante destacar que os estudos sobre o Adv *sempre* não apresentam análises uniformes, pois há diferenças nos julgamentos de aceitabilidade. Estudos como os de Gonzaga (1997) e Brito (2001) apresentam perspectivas diferentes e análises divergentes para o advérbio *sempre* no PE.

Brito (2001) discutiu certos aspectos da estrutura da sentença, em PE e PB, relacionados às posições do Adv *sempre* e ao movimento do verbo. Para isso, a autora assume, junto com Chomsky (1998), que Adv temporais/aspectuais como *sempre* são adjuntos (BRITO, 2001, p.68). Para a autora, há um valor temporal/aspectual de *sempre* em posição pós-verbal e um valor de confirmação em posição pré-verbal. Sendo assim, ela conclui que *sempre*, como outros Adv temporais/aspectuais, pode ser um adjunto de VP ou de TP. Dentro de uma estrutura de CP, se *sempre* for um adjunto de TP, o V se move para T (em um movimento curto), o DP sujeito deve se mover para uma posição mais alta, surgindo a ordem *sempre V*. Por sua vez, se *sempre* é um adjunto de VP, o verbo está em T e o sujeito está em especificador de TP, gerando a ordem *V sempre*. Com base na explicação da autora, poderíamos ter estruturas como as em (11) e em (12) a seguir⁷:

⁷ Os exemplos são de elaboração dos autores.

(11) $[_{CP} [_{DP} \text{O instrutor}_i [_{TP} \text{sempre} [_{TP} [_{DP} t_i [_{T} \text{ajudou}_j [_{VP} [_{V} t_j [_{DP} \text{a atleta}]]]]]]]]]]]$

(12) $[_{TP} [_{DP} \text{O instrutor} [_{T} \text{ajudou}_j [_{VP} \text{sempre} [_{VP} [_{V} t_j [_{DP} \text{a atleta}]]]]]]]$

Com base na explicação de Brito (2001), é possível justificar as posições pré e pós-verbais de *sempre* por meio da adjunção, mas não há explicação para as posições iniciais e finais de *sempre*, as quais não foram levadas em consideração no estudo da autora.

Na perspectiva teórica que toma como base a hipótese do especificador e por meio de testes de escopo e de ordenação de núcleos funcionais de AdvPs em italiano e francês, Cinque (1999, 2006) propõe a seguinte hierarquia universal de advérbios em categorias funcionais. Vejamos a hierarquia de Cinque (2006) no Quadro 1, traduzido em Tescari Neto (2017)

Quadro 1: Versão em PB da hierarquia universal de Cinque (2006) por Tescari Neto (2017)

<p>[<i>francamente</i> MoodSpeechAct > [<i>surpreendentemente</i> MoodEvaluative > [<i>supostamente</i> MoodEvidential > [<i>provavelmente</i> ModEpistemic > [<i>uma vez</i> TPast > [<i>então</i> TFuture > [<i>talvez</i> MoodIrrealis > [<i>necessariamente</i> ModNecessity > [<i>possivelmente</i> Modpossibility > [<i>normalmente</i> AspHabitual > [<i>finalmente</i> AspDelayed > [<i>tendencialmente</i> AspPredispositional > [<i>novamente</i> AspRepetitive(I) > [<i>frequentemente</i> AspFrequentative(I) > [<i>de/com gosto</i> ModVolition > [<i>rapidamente</i> AspCelerative(I) > [<i>já</i> TAnterior > [<i>não ... mais</i> AspTerminative > [<i>ainda</i> AspContinuative > [<i>sempre</i> AspContinuous > [<i>apenas</i> AspRetrospective > [(<i>dentro</i>) em breve AspProximative > [<i>brevemente</i> AspDurative > [(?) AspGeneric/Progressive > [<i>quase</i> AspProspective > [<i>repentinamente</i> AspInceptive(I) > [<i>obrigatoriamente</i> ModObligation > [<i>em vão/à toa</i> AspFrustrative > [(?) AspConative > [<i>completamente</i> AspSgCompletive(I) > [<i>tudo</i> AspPlCompletive > [<i>bem</i> Voice > [<i>cedo</i> AspCelerative(II) > [<i>do nada</i> AspInceptive(II) > [<i>de novo</i> AspRepetitive(II) > [<i>frequentemente</i> AspFrequentative(II) > ...⁵</p>

Fonte: Tescari Neto (2017, p. 50)

Como podemos observar no quadro 1, o Adv *sempre* se encontra na posição de Adv de aspecto contínuo com leitura aspectual e temporal.

Outro trabalho que trata do Adv *sempre* é o estudo de Gonzaga (1997) sobre o PE, o qual faz uma breve descrição do comportamento de alguns Adv, dentre eles, a relação do Adv *sempre* com categorias lexicais e funcionais no PE. A autora apresenta alguns requisitos utilizados para identificar o valor de *sempre* nas sentenças: (i) o tempo verbal da sentença; (ii) a posição de *sempre* com relação ao verbo; (iii) a especificidade do objeto.

Para a autora, em posição pós-verbal, o Adv *sempre* possui um valor temporal iterativo, que seria quase sinônimo de expressões como “todas as vezes”, “todos os momentos”, “todos os dias” etc., e na posição pré-verbal, *sempre* perde esse valor temporal e parece ter valor de afirmação, ou mais precisamente, de confirmação de um dado estado de coisas.

No PE, a leitura afirmativa em que *sempre* tem o valor de “de fato”, “afinal” etc. é indicada por trabalhos como o de Lopes (1998) e o de Ambar, Gonzaga e Negrão (2004). Nesse caso, *sempre* reforça a verdade da proposição.

(13) R: Nossas expectativas sobre o vencedor foram confirmadas?⁸

- a. - Sim, a Patrícia *sempre* venceu o prêmio.
- b. - Sim, a Patrícia realmente venceu o prêmio.

Gonzaga (1997) e outros autores apresentam opiniões divergentes de Brito (2001) sobre a natureza [+/- específica] do objeto. Para Gonzaga (1997), por exemplo, *sempre* recebe uma interpretação afirmativa, significando “afinal”, quando o objeto é [+ específico], como em (14 a). Se o objeto for [- específico], há uma interpretação aspectual como em (14 c):

(14) a. O João *sempre* construiu a casa⁹

b. Afinal o João construiu a casa.

c. O João *sempre* construiu casas.

Brito (2001), por sua vez, não concorda com o julgamento de Gonzaga (1997) sobre as sentenças em (14) e menciona que há possibilidade de leitura temporal/aspectual com DPs [+ específicos] em PE com nomes próprios, em orações no tempo passado:

(15) Eu *sempre* encontrei/encontrava o Luís no café às 9 horas.

Para Tescari Neto (2013), *sempre* apresenta uma leitura não marcada na posição antes do verbo. Sendo assim, a preferência para o PB seria a posição de *sempre* pré-verbal, diferentemente do PE, em que a posição preferencial é a posição pós-verbal.

Tescari Neto (2013) analisa que o Adv *sempre* com valor de confirmação pode ocorrer com qualquer tempo. *Sempre* temporal/aspectual, em posição pré-verbal, contudo, só pode aparecer em orações no passado, seguindo diretamente a hierarquia de Cinque (1999). Como veremos nas próximas seções, os testes realizados na presente pesquisa apresentaram resultados diferentes da interpretação apresentada por Tescari Neto (2013). Em nossos testes, o tempo passado favoreceu uma leitura de confirmação.

⁸ Exemplos são de Lopes (1998) retirados de Tescari Neto (2013, p. 192).

⁹ Exemplos retirados de Gonzaga (1997).

Na próxima seção, apresentaremos detalhes dos testes de processamento do Adv *sempre* com base na metodologia da Psicolinguística.

3. O processamento do advérbio *sempre*: os testes de julgamento de aceitabilidade

Em nossa pesquisa, nos preocupamos com a articulação entre a Teoria Gerativa e a Psicolinguística com a intenção de explicar e deixar mais clara a interpretação dos dados linguísticos investigados. Para estabelecer esta relação entre a Teoria Gerativa e a Psicolinguística Experimental¹⁰, procuramos desenvolver três experimentos com um *design* previamente planejado.

Os três experimentos de testes de julgamento de aceitabilidade foram aplicados em falantes nativos do PB via *web*. Criamos relações entre variáveis dependentes e independentes. No primeiro e no segundo experimentos, investigamos a distribuição sintática do Adv *sempre*, cruzando a sua posição sintática com os tempos verbais das sentenças na busca de diferentes interpretações desse advérbio a saber: (i) temporal; (ii) aspectual e (iii) confirmação de certeza. As sentenças apareciam para os participantes de forma aleatória e, logo depois, eles escolhiam uma das alternativas: com certeza (CC), com frequência (CF), todas as vezes (TD), inaceitável¹¹ (IN), às quais corresponderiam à interpretação do valor do advérbio numa sentença específica.

No terceiro experimento, analisamos as restrições do advérbio *sempre* com outros advérbios por meio de uma variável modificadora formada pelos advérbios *nem, quase, já e não*. Em seguida, analisamos os dados estatisticamente por meio de tabelas dinâmicas, para organizar e quantificar os dados, de acordo com as variáveis selecionadas no programa *Excel* e pelo *software R*.

Os estudos psicolinguísticos reportados objetivaram verificar, por meio de medidas *off-line*, os valores apresentados pelo advérbio *sempre* no PB, assim como verificar suas restrições sintáticas, as quais foram julgadas por falantes nativos de língua portuguesa como podemos observar na subseção a seguir.

Teste 1: Julgamento de gramaticalidade: posição de *sempre* [-espec]

O primeiro teste de julgamento de gramaticalidade analisou a posição sintática de *sempre* menos específica [-específica]¹². Nossa hipótese era a de que a interpretação desse Adv mudava conforme a sua distribuição sintática e temporal, de modo a ser interpretado com valores como: valor temporal, valor aspectual, valor de confirmação/pragmático, atrator de foco etc., em diferentes posições.

¹⁰ Segundo Kenedy (2016): “os dados que alimentam as pesquisas psicolinguísticas são de natureza experimental, o que significa que se trata de dados públicos e manipulados. Tais dados são obtidos por meio de diversas técnicas de pesquisa, como, por exemplo, [...] o julgamento imediato de aceitabilidade[...] dentre outras” (KENEDY, 2016, p. 192).

¹¹ Segundo Kenedy (2015), nesse tipo de metodologia, a sensação subjetiva da (in)aceitação de um estímulo é tomada como evidência da (a)gramaticalidade de determinado tipo de estrutura na língua representada na mente do falante nativo investigado.

¹² Consideramos menos específicas as sentenças elaboradas no experimento sem o acréscimo de um adjunto (ex. *Sempre vou ao supermercado*) e, mais específicas, as sentenças que possuíam o acréscimo de um adjunto (ex. *O delegado prendeu o bandido sempre com agilidade*).

O resultado desse experimento fomentou a ideia de realizar o segundo teste. A ideia principal era apresentar aos sujeitos participantes do experimento sentenças mais ou menos específicas, para analisarmos se a especificidade do objeto/complemento também poderia interferir na aceitabilidade de algumas sentenças.

O primeiro experimento contou com a participação de 30 pós-graduandos e egressos de ensino superior de universidades federais brasileiras.¹³ Eles responderam ao questionário de forma voluntária por meio de um *link* do experimento enviado via *web*. Utilizamos um *design* formado por 6 condições experimentais com 4 estímulos por condição, totalizando 24 estímulos experimentais e 48 distratores, com as seguintes variáveis:

- (i) variável independente: as posições do advérbio *sempre* (posição inicial (PI), posição pós verbal (PV) e posição final (PF) e os tempos verbais (presente (PR) e pretérito perfeito (PP).
- (ii) variável dependente: análise do índice de acerto¹⁴ de respostas das perguntas experimentais.

As sentenças experimentais manipuladas foram elaboradas de maneira a serem apresentadas de forma aleatória, seguidas de uma pergunta, em que os participantes deveriam escolher uma das alternativas que corresponderia aos valores do advérbio *sempre* a saber: (i) com certeza, que corresponderia ao traço de confirmação; (ii) com frequência, que corresponderia ao traço aspectual/iterativo; (iii) todas as vezes que corresponderia ao traço temporal e por último, caso os participantes não reconhecessem a sentença como uma sentença natural da língua, (iv) optariam pela alternativa correspondente a sentença como não natural/aceitável em PB.

O quadro 2 apresenta exemplos das sentenças utilizadas nas condições experimentais criadas em nossos testes:

¹³ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UNIFESP e teve parecer favorável. Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa: cep/unifesp nº: 1288/202.1

¹⁴ Como os testes foram realizados via *web*, não temos controle sobre o engajamento dos participantes ao responder, por isso, o índice de acerto seria uma base entre as respostas dos participantes na qual uma possível falta de engajamento corresponderia a um índice de acerto das perguntas totalmente destoante dos outros participantes. Levando em consideração que a falta de engajamento pode repercutir nos efeitos do processamento, eles foram retirados, para que não interferissem nos resultados dos dados.

Quadro 2: Exemplos das condições experimentais dos testes 1 e 2

POSIÇÃO DO ADV	TEMPO VERBAL	ESPECIFICIDADE DA SENTENÇA	EXEMPLO DE SENTENÇA	PERGUNTA EXPERIMENTAL
PI	PR	[- espec]	<i>Sempre</i> vou ao supermercado.	Eu vou ao supermercado? A. Com certeza (CC) B. Com frequência (CF) C. Todas as vezes (TD) D. A frase não é natural/aceitável no PB (IN)
PV	PP	[+ espec]	O delegado prendeu o bandido sempre com agilidade.	O delegado prende o bandido com agilidade? A. Com certeza B. Com frequência C. Todas as vezes D. A frase não é natural/aceitável no PB.
PF	PP	[+ espec]	O delegado prendeu o bandido com agilidade sempre	

Fonte: Elaboração dos autores

O design experimental permitia ao participante ver as sentenças no formato de quadrado latino. Desse modo, as sentenças apareciam de forma aleatória, com o tempo presente e o tempo passado com o advérbio *sempre* em posições diferentes, ou seja, ora o advérbio *sempre* aparecia na posição inicial, ora na posição pós-verbal, ora na posição final. O objetivo era descrever a interpretação dos participantes, associando as alternativas aos diferentes traços do Adv *sempre*.

As sentenças testadas no primeiro experimento estavam na primeira pessoa do singular e as do segundo experimento estavam na terceira pessoa do singular e a análise descritiva dos dados apontou para interpretações diferentes, que dependiam da posição sintática de *sempre* e do tempo verbal da sentença. O resultado indicou que as sentenças com o tempo presente tiveram maior índice de aceitabilidade quando comparadas com as sentenças no tempo passado, e nenhuma sentença foi classificada como inaceitável no tempo presente.

A partir dos dados absolutos, realizamos a análise estatística por meio do software R e obtivemos o quadro 3 a seguir:

Quadro3: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 1

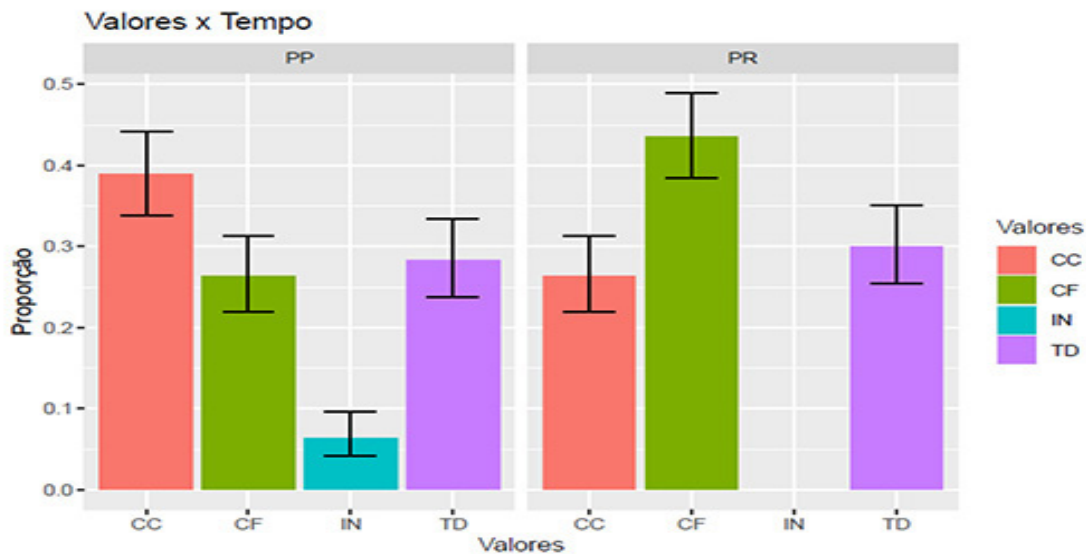
Valor	PR	PP	p	Significativo
CC	95	140	0.00047	***
CF	157	95	0.00000	***
TD	108	102	0.68184	
IN	0	23	0.00000	***

Fonte: Elaboração dos autores

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis tempo e valores com o valor-p de aproximadamente zero, para $DF = 3$ e $\chi^2 = 47.04$. Os valores-p do teste post-hoc realizado para identificar a significância das relações entre PR e PP e cada valor estão apontados na coluna **p** do quadro 3.

Sobre a significância da diferença entre cada Valor, temos que a variável tempo tem uma grande interferência nas interpretações do advérbio *sempre*. Apenas em TD (todas as vezes) as proporções não apresentam diferenças significativas, conforme quadro 3. Esses dados podem ser visualizados no gráfico 1 a seguir:

Gráfico1: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 1¹⁵



Fonte: Elaboração dos autores

Já com relação à variável posição, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis posição e valores, com o valor-p de 0.119, para $DF = 6$ e $\chi^2 = 10.12$, como podemos observar no quadro 4 a seguir. Nele, a coluna **p** representa os valores-p do teste post-hoc realizado para identificar a significância das relações entre PF, PI e PV e cada valor

Quadro 4: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 1

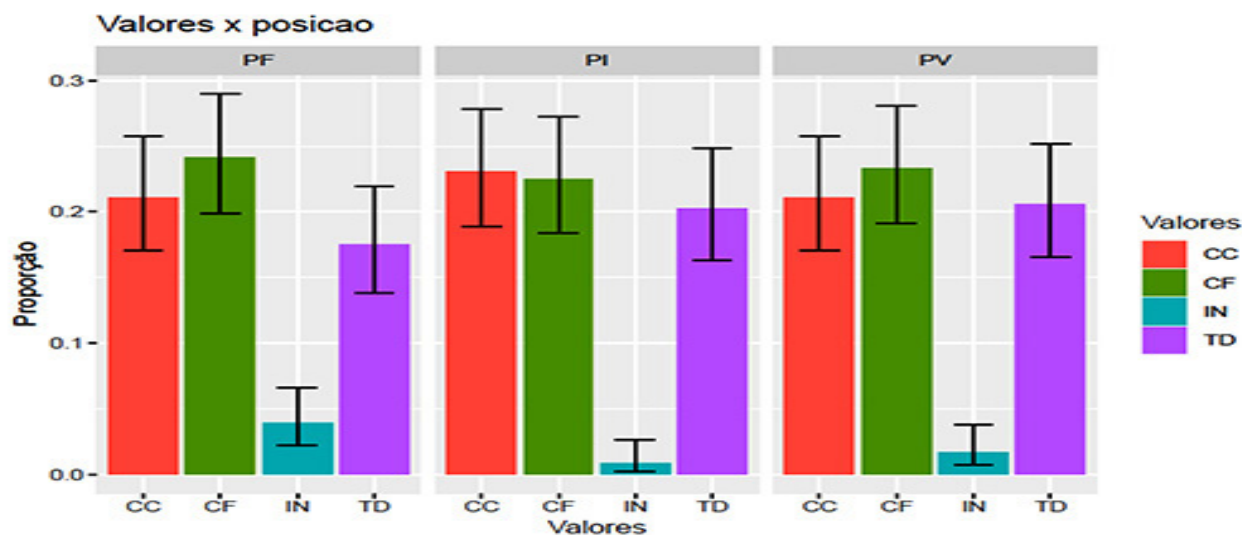
Valor	PF	PI	PV	p	significativo
CC	76	83	76	0.73378	
CF	87	81	84	0.84803	
TD	63	73	74	0.47416	
IN	14	3	6	0.01282	***

Fonte: Elaboração dos autores

¹⁵ Os quadros e gráficos dessa seção foram elaborados a partir da análise estatística realizada.

Como podemos observar no quadro 4, na variável posição, apenas em IN (inaceitável) as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas. Esses dados podem ser visualizados no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 1



Fonte: Elaboração dos autores

Teste 2: Julgamento de gramaticalidade: posição de *sempre* [+espec]

No segundo experimento de julgamento de gramaticalidade, o design experimental escolhido foi o mesmo do primeiro experimento, porém, neste, as sentenças testadas estavam na terceira pessoa do singular e a análise descritiva dos dados apontou para interpretações diferentes a depender da posição sintática de *sempre* e do tempo verbal da sentença.

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis tempo e valores, com o valor-p de aproximadamente zero, para $DF = 3$ e $\chi^2 = 76.15$.

Sobre a significância da diferença entre a variável tempo e cada Valor, assim como no primeiro teste, temos que apenas em TD as proporções não apresentam diferenças significativas, como podemos observar no quadro 5 a seguir:

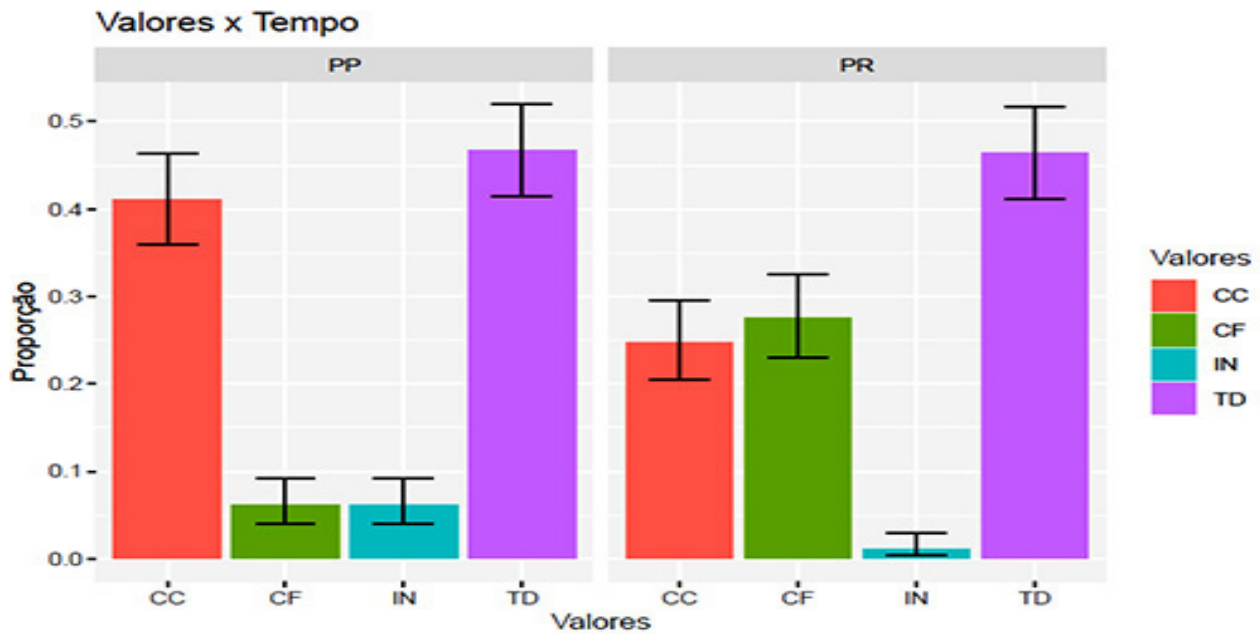
Quadro 5: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio sempre no teste 2

Valor	PR	PP	p	significativo
CC	89	148	0.00000	***
CF	99	22	0.00000	***
TD	167	168	1.00000	
IN	4	22	0.00068	***

Fonte: Elaboração dos autores

Esses dados podem ser visualizados no gráfico 3 a seguir:

Gráfico3: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 2



Fonte: Elaboração dos autores

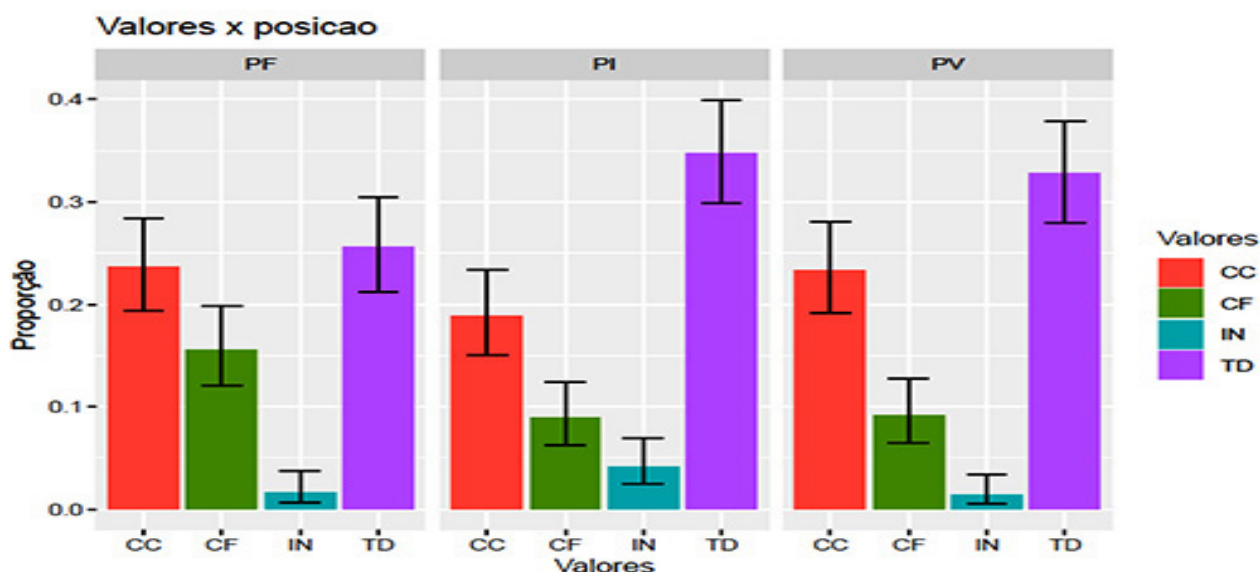
Já com relação à variável posição, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis posição e valores, com o valor -p de de 5.52×10^{-4} , para $DF = 6$ e $\chi^2 = 23.87$.

Quadro 6: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 2

Valor	PF	PI	PV	p	significativo
CC	85	68	84	0.17958	
CF	56	32	33	0.00411	***
TD	92	125	118	0.00632	***
IN	6	15	5	0.02649	***

Fonte: Elaboração dos autores

Sobre a significância da diferença entre cada Valor temos, no quadro 6, que apenas em CC (com certeza) as proporções não apresentam diferenças estatisticamente significativas, como também podemos observar no gráfico 4.

Gráfico 4: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 2

Fonte: Elaboração dos autores

Em resumo, comparando os dois testes que analisaram as posições iniciais, pós-verbais e finais relacionadas com os tempos no Pretérito Perfeito (PP) e Presente do Indicativo (PR), foi possível observar que no PB, os maiores índices de aceitabilidade estão associados ao tempo Presente e a rejeição de algumas sentenças, ainda que pequena, parece estar associada ao tempo Pretérito Perfeito, exatamente o contrário do que ocorre no PE (BRITO, 2001), onde há rejeição com o tempo Presente e maior aceitabilidade com Pretérito Perfeito. Os resultados também apontaram uma interpretação diferente com relação à pessoa e especificidade do objeto. Observamos que quando o advérbio *sempre* se encontra na posição inicial, pós-verbal e posição final com o tempo verbal da sentença no Pretérito Perfeito, o Adv apresenta um valor de confirmação “com certeza”, e, no Presente, em quase todas as posições o Adv apresenta um valor de frequência. Entretanto, na posição inicial, na posição pós-verbal e na posição final, quando a sentença é formada com a terceira pessoa do singular e com a presença de mais um adjunto, o que tornou a sentença mais específica, a interpretação muda, e, independente do tempo da sentença, seja presente ou passado, o valor atribuído às sentenças é o temporal “todas as vezes”.

A partir dessa análise descritiva foi possível observar que o Adv *sempre*, no PB, em sentenças com o tempo verbal Presente, possui um valor aspectual iterativo quando a sentença é menos específica. Por sua vez, quando a sentença é mais específica predomina o valor temporal. Além disso, com relação às sentenças no Pretérito Perfeito, o valor de confirmação é predominante.

Depois de analisadas as posições do Adv *sempre*, elaboramos outro design experimental para testar as restrições desse Adv, como veremos na subseção a seguir.

Teste 3: Julgamento de gramaticalidade: restrições de *sempre*

No terceiro experimento utilizamos uma variável independente única, o modificador do advérbio com 4 níveis da variável formados por: (i) quase; (ii) já; (iii) nem e (iv) não, representada estatisticamente como contexto.

O design experimental foi formado a partir de 4 condições experimentais, com 4 estímulos por condição, totalizando 16 sentenças experimentais e 32 sentenças distratoras. As variáveis dependentes foram a aceitabilidade das sentenças e os níveis de acerto das perguntas pós-frase.

No quadro 7, apresentamos exemplos das condições utilizadas no teste 3:

Quadro 7: Exemplos das condições experimentais do teste 3

TIPO DE VARIÁVEL	EXEMPLO DE SENTENÇA	PERGUNTA EXPERIMENTAL
NEM	A estilista <i>nem sempre</i> desenha o vestido da moda.	Quando a estilista desenha o vestido da moda? A. Geralmente. B. Eventualmente. C. Todas as vezes. D. A frase não é aceitável/ natural no Português Brasileiro.
NÃO	A estilista <i>não sempre</i> desenha o vestido da moda.	
QUASE	A estilista <i>quase sempre</i> desenha o vestido da moda.	
JÁ	A estilista <i>já sempre</i> desenha o vestido da moda.	

Fonte: Elaboração dos autores

Na análise do índice de acerto das perguntas, o objetivo era observar a interpretação dos participantes associando as alternativas aos diferentes modificadores do Adv *sempre*. No caso dos modificadores *não* e *já*, a hipótese era a de que os complexos “*não sempre*” e “*já sempre*” seriam rejeitados pelos participantes e, então, eles escolheriam a opção de sentença inaceitável no PB.

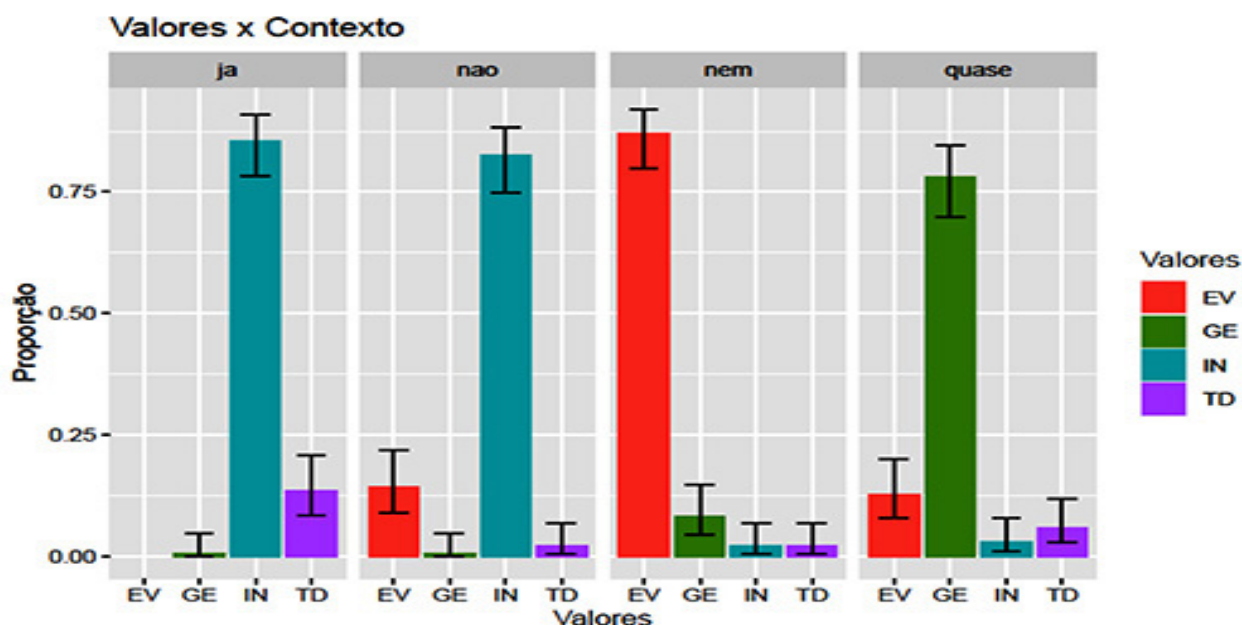
A partir dos dados absolutos, realizamos a análise estatística por meio do software R, e constatamos que, em termos de significância entre cada Valor, todas as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas como mostra o quadro 8:

Quadro 8: Análise estatística da significância entre o tipo de variável (contexto) e os valores de *sempre* no teste 3

Valor	Nem	não	quase	já	P	significativo
EV	115	19	17	0	0.00000	***
GE	11	1	103	1	0.00000	***
TD	3	3	8	18	0.00017	***
IN	3	109	4	113	0.00000	***

Fonte: Elaboração dos autores

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis contexto e valores, com o valor-p de 5.52×10^{-4} , para $DF = 6$ e $\chi^2 = 23.87$. No gráfico 5, podemos observar que todas as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Gráfico 5: Análise estatística entre contexto e os valores do advérbio *sempre* no teste 3

Fonte: Elaboração dos autores

O teste experimental sobre as restrições do Adv *sempre* confirmou nossas hipóteses. Os falantes nativos do PB apresentam uma tendência de não aceitar os complexos “não sempre” e “já sempre”. Observamos que esse fato acontece, por hipótese, porque os advérbios *já* e *sempre* são advérbios com valores aspectuais que se contrapõem, de modo que esses valores não podem ser combinados, ou seja, não pode haver a combinação de um valor aspectual pontual com um valor durativo na mesma sentença.

Na análise de Gonzaga (1997) para o PE, a autora argumenta que a negação não pode ser precedida de *sempre*, quando este Adv tem valor temporal, mas pode ser precedida se o valor do Adv

é de confirmação. São exemplos da autora: (i) O João *sempre* não está em casa e (ii) O João *sempre* não gosta de castanhas. Argumentamos que tais sentenças não seriam possíveis no PB por haver uma disputa de posições sentenciais entre o Adv *sempre* e a negação.

Com o resultado do nosso teste, pudemos confirmar essa nossa hipótese inicial. Com relação aos advérbios *nem* e *quase*, Nilsen (2004) assume que a interferência de itens de polaridade, tais como *sometimes*, ajuda a explicar a distribuição de diferentes Adv's, o autor analisa que o advérbio *always* participa de uma escala (lexicalizada) com *sometimes* e exemplifica:

(16) Stanley *sometimes* ate his wheaties

‘Stanley às vezes comia trigo’.

(17) Stanley *always* ate his wheaties

‘Stanley sempre comia trigo’.

(18) Stanley didn't *always* eat his wheaties.

‘Stanley nem sempre comia seus grãos de trigo’.

(NILSEN, 2004, p. 833)

Nos exemplos apresentados pelo autor, observa-se que em (17) *always* participa de uma escala (lexicalizada) com *sometimes*. Assim, (16) carrega a implicação escalar de que Stanley nem sempre comia seus grãos de trigo. Como *always* é o elemento mais forte na escala relevante, (16) não introduz tal implicatura escalar. No entanto, sob negação, a escala é invertida: (18) introduz a implicação de que Stanley às vezes comia seus grãos de trigo.

É razoável conceber que o complexo “nem sempre”, no PB, também pode apresentar esse tipo de implicatura escalar mencionada por Nilsen (2004) para o inglês, como em (19) a seguir:

(19) A aluna *nem sempre* viaja nas férias.

No nosso exemplo do PB, em (19) também poderíamos associar a interpretação a uma implicatura escalar reduzida de *sempre*, quando este está relacionado com o item “nem”, formando o complexo “nem sempre”. A interpretação para essa sentença seria a de que algumas vezes a aluna viaja nas férias, mas pode ser que ela faça outra coisa nas férias que não seja uma viagem.

Por fim, os resultados também apontaram uma tendência de os falantes do PB associarem o advérbio “geralmente” ao complexo “quase sempre” e o advérbio “eventualmente” ao complexo “nem sempre”. Esses resultados estão de acordo com nossa hipótese.

Na próxima seção, apresentamos uma proposta de análise do advérbio *sempre* à luz do modelo teórico da MD.

4. O advérbio *sempre* à luz da Morfologia Distribuída

Esta seção apresenta uma análise preliminar a fim de explicar a natureza categorial do advérbio *sempre* com base nos pressupostos teóricos da MD.

Alexiadou (2002) delinea uma proposta para as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos advérbios dentro do quadro teórico da MD. Em tal abordagem, os núcleos funcionais determinam completamente a categoria de um núcleo lexical. A autora se fundamenta no estudo de Embick (2000) para argumentar que T determina propriedades verbais, enquanto D determina propriedades nominais, e com essa informação Alexiadou (2002) tenta aplicar uma proposta para o domínio da formação de advérbios e adjetivos sugerindo que, em vez de AdjP e AdvP, há um sintagma lexical, LP-AP, não especificado para adjetivo/ advérbio. A questão que a autora coloca é: qual classe semântica o Adv pertence?

Nossa análise para o advérbio *sempre*, se difere da proposta de Alexiadou (2002), uma vez que consideramos que *sempre* é uma raiz que na primeira fase da derivação recebe a categorização e se torna um Adv por meio da concatenação com um núcleo *adv*. A raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui uma semântica aspectual em decorrência do traço [+aspectual] com efeito contínuo de certeza. Esse traço negociará seu significado de advérbio a partir da concatenação com o núcleo *adv*. Por sua vez, as outras interpretações de *sempre* ocorrerão de acordo com a presença de diferentes núcleos funcionais que compõem sua estrutura (VP, AspP, FocP, CP, TP).

Sendo assim, propomos que os traços do Item de Vocabulário *sempre* no PB seriam os apresentados em (20)¹⁶:

(20) /sempre/ \leftrightarrow $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ _adv

A regra em (20) prevê que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, em um contexto de núcleo adverbializador *adv*, vai ter a realização fonológica /sempre/. Por sua vez, argumentamos que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui traços semânticos [+aspectual] e [+contínuo], ou seja, é uma raiz modificadora, de acordo com Marantz (1997). Vejamos o IV completo, com todos os traços, em (21):

(21) /sempre/ \leftrightarrow [+aspecto], [+contínuo de certeza], $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ /adv___

O conjunto de traços [+aspectual] e [+contínuo], portanto, compõem a raiz de *sempre* e é sensível às categorias funcionais das estruturas sintáticas, por isso pode: (i) modificar Asp quando em AspP; (ii) pode ter uma interpretação temporal, quando concatenado a uma projeção funcional de TP; (iii) pode ter um valor sentencial intensificador de certeza, quando em CP e (iv) pode ser um focalizador quando em FocP.

¹⁶ A representação é de elaboração dos autores.

Para resumir a ideia, propomos que há na Lista 1 diferentes traços abstratos como traços de (i) tempo [+/-passado]; (ii) aspecto [+/- perfectivo, +contínuo]; (iii) Foco[+/-intensidade], além dos próprios núcleos categoriais *n*, *v*, *a* e *adv*. Esses traços são combinados na sintaxe e, de acordo com suas diferentes combinações, vão produzir as leituras possíveis de *sempre* e que foram depreendidas nos experimentos realizados.

Nessa perspectiva, argumentamos que $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único IV que realiza o núcleo adverbial (*adv*) na presença de cada um dos XPs citados. Isso explica os diferentes sentidos que os falantes do PB associam a esse advérbio em diferentes posições sintáticas, apesar de haver apenas uma forma fonológica para *sempre*. Sendo assim, as diferentes interpretações do advérbio *sempre* podem ser capturadas por meio de uma regra que determina a forma fonológica de uma dada raiz a depender do ambiente sintático em que ela ocorre.

Em síntese, conforme a análise por nós defendida, cada um dos empregos do advérbio *sempre* envolve uma estrutura sintática diferente, a qual dá conta de explicar suas propriedades sintáticas e semânticas. Assim, criam-se quatro contextos de inserção da mesma raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, ainda que estes contextos tenham propriedades sintáticas e semânticas bastante distintas, a saber, (i) temporal, (ii) aspectual, (iii) confirmação e (iv) foco.

Considerações finais

Nossa análise para o advérbio *sempre* dentro do quadro teórico da MD propôs que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ se concatena a um núcleo categorial *adv*, o qual categoriza a raiz criando o advérbio *sempre*, diferente do que propõe Alexiadou (2002), que argumenta em favor de uma projeção de LP para os advérbios. Além disso, a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui alguns traços modificadores, que atuarão na estrutura, mais precisamente no especificador da projeção funcional a qual estiver alojado. Esses traços são [+aspectual], [+contínuo], os quais, quando associados à presença de diferentes núcleos funcionais como, por exemplo, AspP, FocP, CP, TP, vão interferir na interpretação deles.

Nessa perspectiva, argumentamos que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único Item de Vocabulário, que realiza o núcleo adverbial (*adv*) na presença de cada um desses XPs. Isso explica os diferentes sentidos que os falantes do PB associam a esse advérbio em diferentes posições sintáticas, apesar de *sempre* apresentar uma única forma fonológica:

Nossa proposta foi testada por meio de três testes experimentais com falantes nativos do PB, por meio da metodologia da Psicolinguística utilizada para investigar o processamento linguístico. Os resultados dos testes mostraram que a variação do tempo das sentenças interfere nas suas aceitabilidades: sentenças no tempo Presente são mais aceitáveis, independentemente da posição do advérbio no PB, e, ao mesmo tempo, alguns casos de inaceitabilidade estavam sempre associados ao tempo Pretérito Perfeito. Esse dado foi importante para realizar uma comparação entre o PB e o PE, pois, no PE, sentenças com o advérbio *sempre* no tempo Presente são consideradas marginais, de modo que a preferência no PE é por sentenças relacionadas ao tempo passado (BRITO, 2001), exatamente o contrário do que ocorre no PB.

No que diz respeito aos nossos testes para investigar a posição do advérbio *sempre* nas sentenças, os resultados apontaram que o advérbio apresenta três valores no PB: (i) tempo; (ii) aspecto e (iii) confirmação. Cada valor corresponde a uma posição diferente na estrutura sintática e está relacionado ao tempo da sentença.

No que diz respeito à análise das restrições do advérbio *sempre*, os testes apresentaram incompatibilidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “já” e “não”. Complexos como “já sempre” e “não sempre” não são aceitáveis pelos falantes nativos do PB.

Por sua vez, outra propriedade observada nos testes foi uma mudança de intensidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “quase” e “nem”. Esse tipo de mudança de intensidade já tinha sido constatado em estudos como os de Nilsen (2004). Além disso, observamos que os complexos “nem sempre” e “quase sempre” restringem o valor habitual de *sempre*. A mudança de intensidade apresentada no teste de restrições com o advérbio *sempre* pode ser explicada pelo traço [+contínuo] da raiz de $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, pois os advérbios *nem* e *quase* restringiriam o traço [+contínuo] de *sempre*, restringindo ou diminuindo a intensidade desse advérbio.

Referências

ALEXIADOU, Artemis. *Adverb Placement: a case study in antiasymmetric syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

ALEXIADOU, Artemis. *On the status of adverb in a grammar without a lexicon*. Ms. University of Stuttgart, 2002.

ÂMBAR, Manuela; GONZAGA, Manuela; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Tense, Quantification and Clause Structure in EP and BP. Evidence from a Comparative Study on Sempre. In: BOK-BENNEMA, Reineke; HOLLEBRANDSE, Bart; KAMPERS-MANHE, Brigitte; SLEEMAN, Petra. *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*, Amsterdam: John Benjamins, 2004, pp. 1-16.

BASSANI, Indaiá Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revel*, v. 13, n. 24, pp. 139-73, 2015.

BASSANI, Indaiá Santana. MINUSSI, Rafael Dias. Sobre o conteúdo fonológico das raízes: raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala. *Revista do GELNE*, v. 22, n. 2, pp. 267-79, 2020.

BRITO, Ana Maria. Clause structure, subject positions and verb movement about the position of sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D'HULST, Yves; ROORYCK, Johan; SCHROTEN, Jan (eds.). *Romance languages and linguistic theory 1999*. Amsterdam: John Benjamins Company, 2001, pp. 63-86.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *inimalist Inquiries: the framework*. Cambridge: MIT Press, 1998.

- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective*. New York. Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structure*. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.
- EMBICK, David. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 31, n. 2, pp. 185-230, 2000.
- ERNST, Thomas. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GONZAGA, Manuela. *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, 1997.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The view from Building 20: essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge, MA: The MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi; BURES, Tony (eds.). *MIT working papers in Linguistics: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, MA: The MIT Press, n. 21, p. 88, 1994.
- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do Português Falado*. volume II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- ILARI, R. *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. Volume III. São Paulo: Contexto, 2014.
- KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. Preenchedores Aspectuais e o Fenômeno da Flutuação dos Quantificadores. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Volume IV. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- KENEDY, Eduardo. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, Marcus. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 143-56.
- KENEDY, Eduardo. Papel da Psicolinguística Experimental no Desenvolvimento de Modelos Formal-cognitivos de Língua. In: SÁ JUNIOR, Lucrécio Araújo; MARTINS, Marco Antônio. *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016.
- LOPES, Ana Cristina Macário. Contribuição para o estudo dos valores discursivos de sempre. In: MOTA, Maria Antônia; MARQUILAS, Rita (orgs.). *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, 1998.
- MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander (eds.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, pp. 201-25, 1997.
- NILSEN, Øystein. Domains for adverbs. *Lingua*, vol. 114, Issue 6, pp. 677-848, June, 2004.

SANTANA, M. S. *A sintaxe dos advérbios em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

TESCARI NETO, Aquiles. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a cartographic study*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Università Ca' Foscari di Venezia, Italia, 2013.

TESCARI NETO, Aquiles. 'Só', 'exclusivamente' e suas posições na sentença. *Alfa* (UNESP), São Paulo, v. 59, n. 3, pp. 573-602, 2015.

TESCARI NETO, Aquiles. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, pp. 44-84, 2017.